

Luís Eduardo

É bem verdade que deveu-se também em parte ao prestígio e ao poder político do senador Antônio Carlos Magalhães o fato de a República inteira ter ido à inauguração do Memorial Luís Eduardo Magalhães. Mas errará quem atribuir as presenças apenas a ACM. A amplitude dos representados ali dava bem a medida do que Luís Eduardo significava para a política nacional, mostrava a extensão e a brutalidade da perda, bem como a ainda a inconformidade com ela.

Não era, e isso ficou mais que evidente, um caso de transferência de prestígio. Mas de conquista de um patrimônio que, sexta-feira se viu, Luís Eduardo levou consigo inteiro para a eternidade, deixando um pequeno pedaço dele para cada um dos que o sabem inesquecível.

Como o presidente Fernando Henrique, que não fez um discurso para o filho de ACM, mas para o político que, segundo ele, “ai de mim se não estivesse por perto nos momentos mais difíceis”. Para o amigo, cujo apreço pelo “amor, firmeza e alegria” estava representado nas três colunas “quase gregas” que servem como ponto de referência no monumento criado pelo prefeito e arquiteto Luiz Paulo Conde.

Conde, aliás, contava na cerimônia que teve a inspiração definitiva numa noite dentro do carro e fez o esboço num envelope de cartas, o único papel que tinha à mão.